

Folha da Embrapa

Foto: Marcelino Ribeiro

Parreiras que produzem os “vinhos do Sol”

A viticultura no semiárido brasileiro é uma novidade no mundo dos vinhos. Além da alta qualidade, os vinhos possuem quantidades elevadas de trans-resveratrol, substância que tem ação anticancerígena e preventiva de doenças cardiocirculatórias. Páginas centrais.

Sumário

3 | Conheça as Unidades Descentralizadas

4 | Ideare: o novo sistema de programação da Embrapa

5 | Assessoria de Comunicação Social (ACS) agora é Secretaria de Comunicação (Secom)

6 e 7 | Os vinhos do Semiárido

8 | Nova aplicação para o Wiltemeter

9 | Campanha homenageia as mulheres da Embrapa

10 | Pesquisa beneficia quebradeiras de coco babaçu no Maranhão

11 | Conheça a Ávore do Conhecimento

12 | Arnaldo Medeiros, o pesquisador poeta e letrista

Boas novas

Implantar o Plano Anual de Comunicação da Empresa. Esse é um dos principais desafios da Secretaria de Comunicação (Secom), criada este mês, em substituição à Assessoria de Comunicação Social (ACS). A nova Secretaria nasce com a missão de coordenar a comunicação da Empresa para que todas as ações da área sejam alinhadas. A nova estrutura com atribuições mais estratégicas são relatadas em detalhes na reportagem da página 5.

Outra novidade que a edição de março está trazendo é a implantação do Ideare, o novo sistema que vai nortear a programação da Embrapa. Sob a coordenação do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD), o Ideare deve trazer flexibilidade e agilidade a seus usuários.

Você também vai conferir nas páginas que se seguem uma reportagem completa sobre a produção de vinhos no semiárido brasileiro, os chamados “vinhos do sol”. Os pesquisadores da Embrapa na região trabalham para que as uvas possam expressar o que chamam de “*terroir*”: a influência do clima, do solo e do homem na qualidade e tipicidade dos vinhos. Vai conhecer também a história de colegas que superaram tabus, preconceitos, dificuldades e a custa de muito trabalho conseguiram ser exemplos de vida e de sucesso profissional. São depoimentos que dão sentido à Campanha Mulher Embrapa, que pretende fazer uma reflexão sobre a questão de gênero, mostrando o valor de mulheres que colocam a sua marca no dia a dia da Embrapa. Boa leitura.

Os editores.

Participe do Folha da Embrapa

Pelo Malote

Envie sua sugestão para:
Editor-executivo do Folha da Embrapa.
Assessoria de Comunicação Social
(ACS). Sala 222, Sede da Embrapa

Por e-mail

Escreva para:
folhadaembrapa@embrapa.br



EXPEDIENTE - Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Endereço: Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede. CEP: 70.770-901 - Brasília-DF. Fones: (61) 3448-4834. Fax: (61) 3347-4860.

Diretor-Presidente: Pedro Antonio Arraes Pereira. **Diretores:** José Geraldo Eugenio de França, Kepler Euclides Filho e Tatiana Deane de Abreu Sá. **Chefe da Secretaria de Comunicação (Secom):** Rose Lane César. **Coordenadora de Relações Públicas:** Maria da Graça Monteiro. **Coordenadora de Articulação e Estudos em Comunicação:** Heloiza Dias da Silva. **Coordenadora de Gestão da Marca e Publicidade:** Fernanda Muniz Junqueira Ottoni. **Coordenadora de Jornalismo:** Marita Féres Cardillo. **Supervisora de Divulgação Interna:** Maria Devanir Freitas Rodrigues. **Fotolitagem, Impressão e Acabamento:** Embrapa Informação Tecnológica. Fone: (61) 3349-6530. **Editores:** **Editora Geral:** Rose Lane César Mtb 2978/13/74/DF. **Editores Executivos:** Sandra Zambudio Mtb 929/81/PR. **E-mail:** sandra.zambudio@embrapa.br **Revisão:** Flávia Bessa e Eduardo Pinho. **Editoração Eletrônica:** André Scofano. **Conselho Editorial:** Rose Azevedo, Gilceana Galerani, Sandra Zambudio, Mônica Silveira, Heloiza Dias da Silva, da Secom; Alba Chiesse, do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD); Juliana Villa, do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP); Irene Lobo, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia.



Foto: Daliza Aguiar

1977

Embrapa Gado de Corte

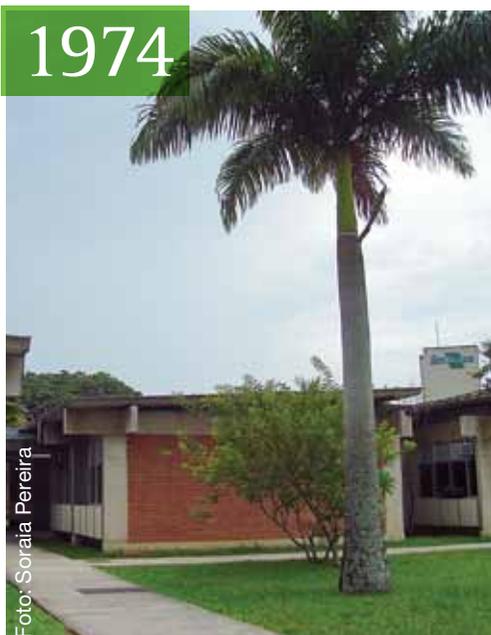
O Mato Grosso do Sul é um estado agropecuário, colonizado por mineiros, gaúchos, paulistas, libaneses, japoneses e diversas etnias indígenas. A rusticidade é uma característica presente na arte sul-mato-grossense e essa peculiaridade foi representada na arquitetura da Embrapa Gado de Corte (Campo Grande, MS) quando, em 2001, uma sé-

rie de obras e reformas muda o perfil do Centro. Fundada em abril de 1977, a Unidade possui 205 empregados.

Deixar o ambiente de trabalho mais acolhedor, valorizando cada empregado e visitante, esse objetivo transformou a antiga estação de monta, onde hoje a Embrapa está localizada, em uma Unidade com beleza estética notável. Desde o portal de entrada, referência a uma cela de cavalo, instrumento imprescin-

dível do homem do campo, até o *hall* do auditório, que remete às estruturas coloniais gaúchas, o projeto de revitalização fala a mesma linguagem e foi planejado passo a passo, mas ainda não terminou. Entre seus idealizadores está Tenisson Waldow de Souza, que destaca, novamente, o maior intuito desses elementos construtivos: boas-vindas a quem adentrar na Embrapa Gado de Corte! ■ Colaboração: Daliza Aguiar

Embrapa Agroindústria de Alimentos



1974

Foto: Soraya Pereira

A Embrapa Agroindústria de Alimentos (Rio de Janeiro, RJ) desenvolve projetos com foco na qualidade e segurança dos alimentos e agregação de valor a matérias-primas e coprodutos da agroindústria, avaliando desde tecnologias pós-colheita a processamento de alimentos. O corpo técnico e a infraestrutura fazem com que sua atuação se estenda desde a avaliação de novas metodologias para detecção de fraudes em alimentos ou caracterização de propriedades funcionais de matérias-primas brasileiras ao desenvolvimento de nanocompósitos a partir de coprodutos da agroindústria, até a avaliação de tecnologias não convencionais

para a conservação de alimentos. Atua também na transferência de tecnologia para o setor agroindustrial e para a agricultura familiar, além de prestar serviços técnicos especializados, como análises laboratoriais, consultoria técnica e avaliação de impactos socioeconômicos. Recentemente a Embrapa Agroindústria de Alimentos conquistou a extensão do Certificado de Qualidade em Biossegurança pela CTNBio, o que a credencia a Unidade a trabalhar nas análises de organismos geneticamente modificados de vegetais e seus derivados e microorganismos. São 145 empregados, sendo 45 pesquisadores. ■ Colaboração: Soraya Pereira

Ideare:

A difícil missão de integrar expectativas

Robinson Cipriano

Lançado no começo de fevereiro deste ano, o novo sistema de gestão da programação da Embrapa, batizado de Ideare, chegou carregado de expectativas e promessas. Será que finalmente teríamos na Empresa um sistema de gestão aberto a todos os empregados? Uma ferramenta útil não somente na hora de submeter um projeto para ser avaliado, mas também para consultas diversas? Algo que pudesse ajudar as Unidades a entender e gerenciar melhor suas carteiras de projetos?

Foi em cima dessas esperanças e demandas que uma equipe multifuncional começou, no ano passado, a desenvolver o novo sistema. “O Ideare é resultado, portanto, da evolução dos sistemas de gestão anteriores”, explica Pedro Arraes, diretor-presidente da Embrapa. “Aprendemos com os erros e os acertos do passado e, além disso, contamos com a colaboração das Unidades, que tiveram tempo de testar o que foi inicialmente concebido e colaborar propondo melhorias, que foram incorporadas antes do seu lançamento”, detalha.

Mas, por enquanto, quem se aventurar a entrar no Ideare (que está disponibilizado diretamente na web, no endereço <https://aplic7.sede.embrapa.br/ideare/>) vai verificar que a maioria daquelas expectativas ainda não foram atendidas. Isso porque o sistema foi lançado com somente dois dos cinco módulos iniciais previstos: o de elaboração de chamadas e o de elaboração de submissões.

Até o final de março serão implantados os módulos de Avaliação e de Gestão da Programação. E o último, de Relatórios e Consultas, será lançado provavelmente no final de abril. Só então ele será alvo de interesse de muito mais usuários. Pela primeira vez, qualquer empregado poderá fazer uma consulta geral aos projetos em andamento ou concluídos e ter acesso, por exemplo, à relação de projetos por Unidade, por Macroprograma, por ecossistema, por região ou Unidade da Federação, por tema, por líderes de projeto, por resultados esperados de projetos, dentre uma série de outras possibilidades. ■

Novas funcionalidades

O Ideare terá como principais características a flexibilidade (podendo sofrer ajustes e melhorias contínuas); a agilidade (foi concebido para permitir uma visão completa e mais ágil da carteira de projetos) e a vantagem de ser um sistema totalmente *on line*. Tudo o que o líder da proposta, os avaliadores, os gestores e a equipe fizerem, desde o momento da submissão até a conclusão do projeto, será realizado diretamente no Ideare.

Na fase de elaboração de uma proposta, o preenchimento dos campos necessários será colaborativo. Um responsável por um Plano de Ação de uma Unidade poderá preencher esse campo no sistema ao mesmo tempo em que o líder, lotado em outra Unidade, vai inserir informações em outro campo.

O Ideare também está integrado aos principais sistemas da Empresa, como o Sistema de Informação de Apoio à Decisão Estratégica da Embrapa (Side), o Sistema de Recursos Humanos da Embrapa (SIRH), o Sistema de Pessoas Físicas (SIPF) e o Sistema de Pessoas Jurídicas (SIPJ). Nos próximos meses vai se juntar também com o Sistema de custos, o Sistema de Automação de Bibliotecas e Recuperação da Informação (Ainfo) e o novo sistema que vai substituir o Sistema de Acompanhamento e Avaliação de Desempenho (SAAD).

Próximo passo: a fase II

No final de abril termina a primeira fase de implantação do Ideare, com o lançamento do Módulo de Relatórios e Consultas. “Já estamos engatilhando a próxima etapa, voltada principalmente para demandas específicas das Unidades Descentralizadas e Centrais”, revela Carlos Lazarini, chefe do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD). A segunda fase será marcada pela implementação de outras funcionalidades, voltadas para melhorar a gestão da programação e o acompanhamento de projetos dos centros de pesquisa. “Vamos estudar com as Unidades, a partir de maio, quais são as necessidades a serem incorporadas ao Ideare e enfrentar o desafio que será trabalhar as interfaces e a integração com os sistemas locais”, afirma.

Nasce a Secom da Embrapa



Mônica Silveira

A comunicação torna-se mais estratégica na Empresa. A Assessoria de Comunicação Social (ACS) deu lugar à Secretaria de Comunicação (Secom). A nova estrutura já nasce pautada por um desafio: a implantação do Plano de Comunicação Anual da Embrapa.

“Nosso papel, respeitada a descentralização administrativa, será o de coordenar, como um todo, a comunicação da Empresa, de modo a garantir o alinhamento de todas as suas ações”, afirma a chefe da Secom, Rose Lane César. Ela também situa que a mudança da estrutura de Comunicação na Sede é simultânea à reestruturação que ocorre nas áreas de Comunicação nas Unidades Descentralizadas.

A nova condução da comunicação já pode ser antevista a partir da nomenclatura das novas coordenadorias, que passam a trabalhar, cada uma, voltada para o atendimento de todos os públicos: interno, externo e internacional. Na Secom, não há equipes que lidam apenas com um segmento da comunicação. Todas, integradas entre si, atendem a todos os públicos.

Assim, a Coordenadoria de Relações Públicas (CRP) toma o lugar da antiga Coordenadoria de Eventos e Publicidade; a Coordenadoria de Jornalismo

(CJO), por sua vez, o da Coordenadoria de Imprensa. Nasce a Coordenadoria de Gestão da Marca e Publicidade (CMP) e a Coordenadoria de Articulação e Estudos em Comunicação (CEC), que retoma os propósitos da antiga e desativada Coordenadoria de Desenvolvimento da Política de Comunicação.

Essa estrutura ainda conta com o suporte de seis supervisões. Além da Supervisão de Administração, há três supervisões na CJO – Articulação com a Imprensa, Divulgação Interna e Mídias Digitais – e duas outras na CRP – Relacionamento com o Público Interno e Relacionamento com o Público Externo.

Prioridade

Na estrutura da Secom, o público interno continua sendo prioridade da Comunicação na Embrapa, ressalta. “As ações de cada coordenadoria estarão voltadas, em primeiro lugar, para os empregados”, garante.

Essa primazia teve como germen a última edição do Ciência para a Vida. Na ocasião, como recorda Rose, o evento foi inaugurado para os empregados. Só no dia seguinte as portas foram abertas para o público externo.

A forte presença reguladora da Embrapa no mercado é um dos principais

Processo participativo

A reestruturação da Comunicação da Embrapa é fruto de um processo participativo. “Não se deve trabalhar com o conteúdo de uma cabeça só”, diz a chefe da Secom, Rose Lane César, que tinha a prerrogativa de fazer, sozinha, as alterações que lhe conviessem. “Quanto todos fazem parte do processo, todos se comprometem”, frisa, ao ressaltar que o organograma foi a parte final do trabalho de sua equipe, que também contou com a colaboração da SGE e da Fundação Dom Cabral.



motivos para a gestão da marca ter, a partir de agora, um peso maior. Cabe, então, à CMP instituir as diretrizes para a criação e uso de marcas na Empresa. Sua abrangência inclui produtos, processos, sistemas, serviços e projetos de pesquisa, bem como ações promocionais da instituição, já que a Publicidade agora faz parte dessa Coordenadoria.

Com o devido distanciamento operacional, a CEC trabalhará em conjunto com as demais coordenadorias para impulsionar a Comunicação. Em sua pauta, análises, estudos e construção de cenários, além do desafio de criar o Plano de Comunicação Anual da Embrapa.

“O novo modelo, portanto, dá à Embrapa condições de trabalhar a Comunicação de forma integrada, tenham suas ações origem na Sede ou nas Unidades Descentralizadas”, finaliza Rose. ■

Vinhos do sol e de muita qualidade

Marcelino Ribeiro

A viticultura no Semiárido brasileiro é uma novidade no mundo dos vinhos. As coordenadas geográficas onde se localiza são bem distantes daquelas onde se desenvolvem – há séculos, em alguns casos – as zonas tradicionais. Elas se estendem por países como França, Espanha, Itália, Alemanha, Portugal e Estados Unidos, entre os paralelos 30°-45° de latitude norte. E entre 23° e 45° de latitude sul, que cortam o Chile, Argentina, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e sudeste e sul do Brasil (RS, SC e MG).

No Semiárido do Brasil, os chamados “vinhos do sol” são elaborados em vinícolas nos municípios de Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Casa Nova, na Bahia, que estão mais abaixo, entre os paralelos 8°-9° do Hemisfério sul.

Segundo o pesquisador da Embrapa Uva e Vinho (Bento Gonçalves, RS), lotado na Embrapa Semiárido (Petrolina, PE), Giuliano Elias Pereira, que executa projetos no Laboratório de Enologia da Unidade, essas distâncias acentuam as diferenças enológicas entre as regiões produtoras. A quantidade de vinificações por ano é uma delas.

Nas áreas de clima temperado, a safra ocorre uma vez por ano, normalmente entre o verão e o outono. Assim, em média, um enólogo em toda a sua vida profissional poderia elaborar entre 25 e 30 vinhos. No Vale do São Francisco, onde é possível escalonar as colheitas por semana ou quinzena entre os meses de abril e dezembro, ele alcançaria igual quantidade em apenas um ano. “É uma realidade muito diferente”, garante.

Uma consequência prática disso é que cada safra, potencialmente, implica num tipo diferente de vinho. A equipe de pesquisadores da instituição, articulada em torno de cinco projetos, se volta para o manejo dos parreirais com o objetivo de produzir uvas de alta qualidade. As iniciativas envolvem especialistas em várias áreas do conhecimento agrônomo, que apoiam a definição de sistemas de produção adequados para as condições regionais, para as quais não há referências disponíveis no mundo.

Mais que isso, trabalham para as uvas expressarem o que chamam de “terroir”: a influência do clima, do solo e do homem na qualidade e tipicidade dos vinhos. A ideia é valorizar a cultura e a enogastronomia regional. Não queremos imitar os ótimos vinhos de regiões como as francesas Bordeaux ou Bourgogne, ou Califórnia nos Estados Unidos, ou ainda Mendonza na Argentina, afirma Giuliano.

Benefícios à saúde

Estudo recente realizado por especialistas da Universidade Federal Rural de Pernambuco e da Embrapa Semiárido constatou nos vinhos da região elaborados com as variedades *Syrah*, *Tempranillo* e *Petit Verdot* quantidades de trans-resveratrol da ordem de seis, três e duas vezes maiores que as encontradas nos produtos de origem francesa, espanhola ou argentina. Essa substância tem ação anticancerígena e preventiva de doenças cardiocirculatórias. Atualmente na região já são elaborados mais de 60 tipos de vinho em seis vinícolas implantadas no Submédio do Vale do Rio São Francisco, que produzem 8 milhões de litros por ano. Alguns deles obtêm tal qualidade que são exportados para os Estados Unidos, países da União Europeia e da Ásia.

Entre os vinhos produzidos no Vale, destacam-se o *Syrah*, o *Tempranillo* e o *Cabernet-Sauvignon*, como tintos, e *Chenin Blanc*, *Moscato Canelli* e *Sauvignon Blanc* como brancos, além dos espumantes brancos e rosados, secos (*brut*), meio doces (*démi-sec*) ou doces (*moscatéis*).



Consumidores

Recém-contratada pela Embrapa Semiárido, a pesquisadora Aline Camarão Telles Biasoto vai ampliar o universo dos estudos com os chamados “vinhos do sol”. O primeiro deles será para identificar compostos químicos que possam ser reconhecidos como prováveis marcadores das características que dão tipicidade aos vinhos tintos, brancos e espumantes produzidos na região.

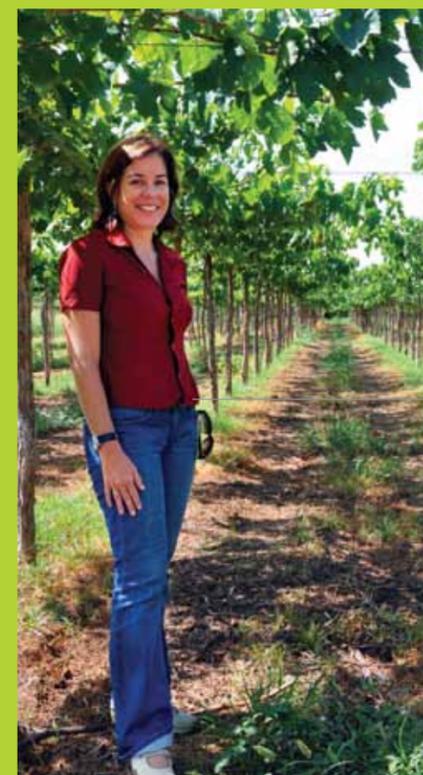
Esses estudos vão ser vinculados a testes de degustação, a fim de verificar as variedades, as safras, quais intervenções agrônomicas e enológicas que mais agradam ao paladar dos brasileiros consumidores de vinhos. Neste primeiro momento, o objetivo é saber quais as expectativas dos consumidores com relação ao vinho elaborado no Vale do São Francisco. ■

Uva que produz o ano inteiro

Há quatro anos 99% das uvas exportadas pelo Brasil são colhidas nos parreirais irrigados do Submédio do Vale do São Francisco. Nessa mesma região, floresce uma área vinícola que, em pouco mais de 25 anos, já responde por 15% da produção nacional de vinhos finos de qualidade e de sabores surpreendentes. O submédio demarca os limites de um trecho do Rio São Francisco entre os estados da Bahia e de Pernambuco, em pleno sertão nordestino. Ali, o sol intenso de mais de 12 horas diárias – em média, um calor de “matar” – e as chuvas irregulares e concentradas em uns poucos meses do ano nem de longe lembram os ambientes de clima temperado ao redor do planeta onde viceja a vitivinicultura.

O cultivo da uva em condições tropicais semiáridas não é fácil, revela a pesquisadora Patrícia Coelho de Souza Leão, da Embrapa Semiárido. Até alcançar os atuais níveis de produtividade, com parreirais carregados de cachos bem formados de frutos “doces que nem mel” não foram poucos os desafios a superar. “O manejo das videiras para que produzissem uniformemente foi um deles”, revela Patrícia.

Até então, as altas temperaturas ao longo do ano impediam as plantas de entrarem numa fase de repouso, que nos ambientes de clima temperado ocorre durante o inverno. Assim, a brotação das gemas ocorria com dificuldade e de maneira desuniforme. A consequência era a redução drástica da produtividade dos vinhedos. A aplicação de um produto químico à base de cianamida hidrogenada foi a solução. Esse ajuste na tecnologia de manejo dos parreirais ajudou a levar para a agricultura irrigada a originalidade do ambiente tropical semiárido do Brasil: tornar viável a produção das videiras em qualquer mês do ano. “É um dos poucos locais do planeta onde isso é possível”, garante a pesquisadora.



Crisântemos mais viçosos

Agora ficou mais fácil produzir flores que duram mais. Um estudo da Embrapa mostrou que o Wiltmeter, até agora utilizado para as plantações de hortaliças, pode ser eficiente também para conservação de flores de corte, especialmente o crisântemo.

Joana Silva

A qualidade da água utilizada na conservação de flores de corte é fator fundamental para a boa hidratação das hastes, tanto é que a presença de agentes contaminantes, como fungos ou bactérias, ou alto teor de sais, especialmente o cloro, reduz a vida pós-colheita do caule. Além disso, o flúor também causa danos e reduz a vida pós-colheita de flores como gladiólos, gérberras e crisântemos.

Quem explica é Poliana Cristina Spricigo, mestranda da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Unicamp. Ela foi orientada pelo pesquisador da Embrapa Instrumentação, São Carlos (SP), Marcos David Ferreira, que é também professor da Feagri.

O estudo desenvolvido por ela em sua dissertação, defendida em fevereiro de 2011, mostrou que o Wiltmeter, aparelho desenvolvido pela Unidade, é o instrumento mais eficiente e sensível para mensurar o conteúdo de água e a qualidade de folhas de crisântemos no processo pós-colheita, comparado ao método que mensura a turgescência, ou seja, a firmeza, de folhagens pelo teor relativo de água.

A turgescência das folhas é fator primordial de qualidade e está relacionado ao conteúdo de água e prejudicado pela perda dela. Essa medida, assim como a pressão sanguínea nas pessoas, indica o grau de saúde das plantas e seu comportamento frente às variáveis de clima, solo, temperatura, umidade de ar

Foto: Camilla Borges



Poliana Cristina Spricigo, Adonai Gimenez Calbo e Marcos David Ferreira

e disponibilidade de água. Poliana diz que a diminuição do conteúdo de água nos tecidos vegetais é a principal causa de deterioração, que resultam em perdas quantitativas e prejudicam a aparência com o aparecimento de murchamento.

É o pesquisador Marcos David quem enfatiza; “a qualidade das hastes das flores é uma exigência do consumidor e um desafio para o produtor”. Para ele, a utilização de medições instrumentais objetivas da hidratação pode auxiliar no processo de comercialização, uma vez que possibilita a determinação de parâmetros de mensuração da qualidade. ■

Eficiência do Wiltmeter

O Wiltmeter foi desenvolvido pelo pesquisador Adonai Gimenez Calbo e José Dalton Cruz Pessoa, em 2009, e já transferido a empresa Marconi Equipamentos e Calibração para Laboratórios, de Piracicaba (SP), em 2010, tendo inclusive patente internacional. Os testes realizados com o equipamento até então incluíam folhagens de hortaliças. Esta é a primeira vez que o equipamento é aplicado na avaliação com flores. O Wiltmeter é um instrumento para fazer medidas objetivas após a colheita no campo e durante o armazenamento. É simples, portátil e de fácil uso. Estudos indicaram que o instrumento é adequado para avaliação objetiva e rápida da qualidade de folhagens, o que é um progresso em relação aos métodos táteis subjetivos atualmente utilizados em todo o mundo.

A importância do crisântemo

O crisântemo foi selecionado por estar entre as flores de corte mais produzidas e comercializadas, adaptar-se a diversos tipos de clima, atrair os consumidores pelas formas e cores. No Brasil, a floricultura começou a se desenvolver na década de 50, consolidando-se em 1970 e se concentrando nas regiões de

Atibaia e Holambra. A organização do comércio atacado de flores e folhagens é feita 90% no estado de São Paulo, sendo repartida entre a Cooperativa Veiling Holambra, que é líder absoluta em comercialização, seguida da Ceagesp (São Paulo) e pelo Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais da Ce-

asa Campinas, SP.

A floricultura brasileira movimentada, anualmente, cerca de US\$ 1,3 bilhão, de acordo com a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais e responde, segundo o IBGE, pela geração de 3,7 empregos diretos/hectare.

Homenagem às mulheres

Aline Bastos

A campanha Mulher Embrapa busca promover uma reflexão sobre a questão de gênero, revelando as qualidades das mulheres (ver boxes), que colocam a sua marca no dia a dia da Embrapa e, em parceria com os homens, constroem uma empresa de excelência em pesquisa.

Uma exposição no *hall* da Sede, em Brasília, realizada de 15 a 31 de março mostrou bem essa diversidade. A homenagem vai além. Um *hotsite* (<http://www.mulherembrapa.com.br>) traz o perfil completo das representantes das mulheres de cada Unidades, depoimentos de empregados, conteúdo sobre questão de gênero e espaço para comentários. A intenção é ter todas as mulheres da Embrapa retratadas no site até o final do ano, por isso todos podem enviar novas histórias e fotos das mulheres das Unidades. ■

Paixão por animais

É admirada pelos empregados da Unidade pelo amor que tem aos animais. Quando começou a contribuir com o manejo dos bezerros, a taxa de mortalidade caiu muito, o que chamou a atenção de todos e fez com que Leni Rosendo Pinto, assistente da Embrapa Pecuária Sudeste (São Carlos, SP), mudasse sua atuação na Empresa. “Nunca pensei em trabalhar com animais, pois tinha medo. Hoje cuido deles desde o nascimento. Essa é a minha grande paixão!”, afirma.



Foto: Danilo Moreira

Programa Pró-Equidade de Gênero



O Programa Pró-Equidade de Gênero, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), pretende estimular as organizações a desenvolverem concepções de gestão de pessoas e de cultura organizacional, visando alcançar a equidade de gênero no ambiente de trabalho eliminando todas as formas de discriminação no acesso, remuneração, ascensão e permanência no emprego.

A Embrapa iniciou sua participação nesse programa em 2008, buscando promover a igualdade de oportunidades entre todos os seus empregados e reforçando seu compromisso com os valores preconizados no V Plano Diretor quanto à responsabilidade socioambiental, ética, respeito à diversidade e à pluralidade.

Mulheres na chefia

A pesquisadora Vera Maria Carvalho Alves, da Embrapa Milho de Sorgo (Sete Lagoas, MG) foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe-geral do Centro de Pesquisa. Na sua gestão, a Unidade foi considerada uma das mais eficientes da Embrapa. Para ela, o maior desafio para as mulheres

na Embrapa é assumir mais cargos de chefia. Existem muitas chefes-adjuntas nas Unidades, mas poucas se candidatam a chefe-geral. “É um trabalho tenso, mas extremamente gratificante”, diz Vera Maria.

Foto: Marina Torres



Desafio para a vida

Liderar uma equipe formada exclusivamente por homens foi o maior desafio profissional e pessoal de Maria Celeste Rebouças, da Embrapa Mandioca e Fruticultura (Cruz das Almas, BA). Ela fez questão de estabelecer uma comunicação aberta, driblar o preconceito e equilibrar a rigidez com pulso firme. Ao mesmo tempo, teve que compreender os sentimentos e as emoções de cada um. “Rótulos existem, mas nós mulheres estamos aqui para vencê-los”, enfatiza. Maria Celeste é Supervisora do Setor de Campos Experimentais há sete anos e Diretora Social da Associação dos Empregados da Embrapa (AEE) por cinco mandatos.



Foto: Léa Cunha



Foto: Gustavo Porpino

Pesquisa em prol das quebradeiras de coco

Gustavo Porpino e Eugênia Ribeiro

As duzentas mil quebradeiras de coco babaçu do Maranhão formam uma imensidão de mãos femininas trabalhando arduamente para o sustento da família. Para essa gente simples, de mãos calejadas e fala tranquila, a atuação da Embrapa Cocais (São Luís – MA) será de grande importância.

O babaçu, palmeira de aproveitamento integral, está presente na vida de Maria Izabel Souza Cardoso, 51, natural de Itapecuru Mirim (MA), desde a infância. Já aos 5 anos, Izabel observava a mãe quebrar coco na pedra. “Comecei a quebrar coco com 7 anos. Desde os 5, minha mãe ensinava”, lembra.

Quando começou a quebrar coco, Izabel morava dentro do cocal. Fazia a coleta manual, quebrava os cocos na pedra com um machado e vendia as amêndoas no comércio. A rotina das quebradeiras não mudou muito. Izabel conta que, ainda hoje, a maioria “acorda às 5h para amolar o machado, passar o café, ajeitar os meninos e ir pro mato quebrar coco”.

Para Izabel, o maior avanço das últimas quatro décadas, período em que atua como quebradeira, foram os direitos da mulher. “A cidadania da mulher

mudou. Estamos buscando conhecimento e renda pra mulher. Quando comecei, se você me procurasse pra fazer essas perguntas, ia sair correndo pro meio desse mato”, diz, enquanto estica o olhar para a mata do Parque Itapiracó, local onde será construída a Embrapa Cocais.

Maria Izabel faz parte da Associação das Quebradeiras de Coco Babaçu de Itapecuru Mirim, entidade que reúne 40 quebradeiras. Várias delas acompanharam atentamente a solenidade de lançamento da pedra fundamental da Embrapa Cocais, ocorrida em 27 de janeiro.

Desde 2000, quando foi implantado o projeto de associativismo, as quebradeiras de Itapecuru Mirim têm recebido apoio da Embrapa. “O babaçu foi integrado a outras atividades da agricultura familiar como criação de galinha caipira, suínos e horticultura”, comenta Maria Domingas Marques Pinto, presidente da Associação das Quebradeiras.

A organização e produção mais diversificada melhoraram a qualidade de vida do grupo, mas as quebradeiras ainda pretendem alcançar outras conquistas. “Nosso grande sonho é o plantio planejado de babaçu”, salienta Domingas. ■

Mesocarpo do babaçu

O mesocarpo do babaçu, composto base da multimistura utilizada na alimentação infantil, é uma das principais fontes de renda da comunidade. O azeite de babaçu, produzido a partir da amêndoa, também gera receita e a palha da palmeira é utilizada para confecção de chapéus, bolsas e outros artesanatos.

Segundo o pesquisador José Mário Ferro Frazão, chefe de Comunicação e Negócios da Embrapa Cocais, a emenda parlamentar de R\$150 mil, aprovada em favor do Arranjo Produtivo Local do babaçu e apoio à transferência de tecnologia do Maranhão, irá beneficiar, principalmente, o Território do Vale do Itapecuru. “A ideia é trabalhar apoiando as iniciativas já em andamento, com foco no processamento do mesocarpo para fornecimento de matéria-prima para os programas de aquisição de alimentos para a merenda escolar”, informa.

O trabalho terá início com o levantamento de quais iniciativas já estão implementadas na região. Essas ações serão levantadas por meio da realização de um diagnóstico a ser conduzido junto às associações de quebradeiras de coco babaçu do território. “Nosso trabalho será conduzido nessas associações, onde realizaremos cursos de capacitação e outras técnicas, principalmente as relacionadas às boas práticas no processamento do mesocarpo do babaçu, levando em conta questões como higiene e melhor aproveitamento para evitar desperdícios”, acrescenta Frazão.

PAC Embrapa

A construção da Embrapa Cocais é uma meta do Programa de Fortalecimento e Crescimento da Embrapa (PAC Embrapa). A nova Unidade já recebeu R\$6.797.000,00 de recursos do Programa para investir em obras e equipamentos. O prazo previsto para construção é de 18 meses.

O conhecimento que sai da árvore

Kátia Marsicano e Nadir Rodrigues

Imagine o plantio de uma árvore. Terra boa, adubo, sol, água e, claro, mãos habilidosas de um jardineiro experiente, responsável pela escolha da semente que vai dar os melhores frutos. Pois bem. Passado o tempo, a árvore cresce, ramifica, se expande e oferece, além de alimento, sombra.

Assim é na natureza. E assim também na ciência a história se repete na difusão do conhecimento. Foi o que inspirou o pesquisador tunisiano Pierre Lévy, ao estudar inteligência coletiva e ao criar, no início da década de 90, a expressão Árvore do Conhecimento – hoje, um importante sistema de coleta, organização e armazenamento de dados, estruturado com o uso de softwares. Para quem precisa de informação, nada mais simples de consultar e, o que é melhor, de encontrar o que se precisa.

Também inspirada na ideia de Lévy – porém com uso de metodologia diferente de construção do conhecimento – há exatos dez anos (comemorados agora em 2011) a Embrapa vem investindo no “plantio” desse tipo de “cultivar”, que tem “alimentado” um número cada vez maior de usuários.

Pesquisa realizada pela Embrapa Informática Agropecuária (Campinas, SP), em 2010, a página da Agência de Informação Embrapa, onde ficam reunidas todas as Árvores, registrou cerca de um milhão de visitas, o correspondente à expressiva marca de nove milhões de páginas acessadas. Em relação a 2009, a marca representa nada menos que o dobro de visitantes.

A Embrapa Informação Tecnológica (Brasília/DF) – que conta com a parceria técnica da Embrapa Informática Agropecuária na hospedagem, no suporte e na manutenção do sistema, bem como no processo de catalogação das informações – é a responsável pela coordenação do projeto, que hoje reúne 19 árvores do conhecimento, organizadas

Mas, o trabalho não termina aí, porque as árvores são constantemente atualizadas, afinal a ciência está sempre em evolução”



Foto: Kátia Marsicano

em três categorias: cultivos, criações e temáticas (veja Linha do Tempo).

Segundo o gerente-geral da Embrapa Informação Tecnológica, Fernando do Amaral Pereira, cada publicação de conteúdo, ou seja, cada Árvore que se completa e é apresentada para a sociedade, representa mais uma etapa do cumprimento da lista de prioridades da Empresa.

“Mas, o trabalho não termina aí, porque as árvores são constantemente atualizadas, afinal a ciência está sempre em evolução”, comenta. Equipes de pesquisadores de várias Unidades Descentralizadas se mobilizam simultaneamente, e não é rara a participação de outras instituições científicas, que igualmente colaboram com a construção dos temas. ■

Mudança cultural

O processo de construção das árvores do conhecimento representou uma mudança cultural na Empresa. A opinião é da pesquisadora Adriana Delfino dos Santos, responsável pela co-liderança do projeto na Embrapa Informática Agropecuária. “O grande diferencial desse ambiente é que ele permite que, de qualquer lugar que se esteja usando, seja possível recuperar a informação que está organizada dentro de um contexto”, explica.

Adriana lembra que a ferramenta agrega tecnologias que permitem recuperar a informação com precisão e qualidade e disseminá-la rapidamente ao maior número de pessoas. Além disso, não só oferece informação, mas usa a plataforma tecnológica da internet para que as equipes editoriais trabalhem de forma colaborativa em diversas unidades, alimentando a base e organizando as informações.



Foto: Nadir Rodrigues



Arnoldo

o executivo, o poeta

Mônica Silveira

Quem vê o coordenador de Gestão de Inovação da Assessoria de Inovação Tecnológica da Embrapa, onde atende pelo nome de Arnoldo Fonseca, não imagina que ele também é Arnoldo Medeiros, poeta e letrista – premiado em festivais de música das décadas de 60/70 –, diretor e produtor de musicais, compositor de vinhetas, trilhas de filmes e novelas da Globo. São 85 músicas gravadas por 56 intérpretes, entre os quais Beth Carvalho, Egberto Gismonti, Maysa, Elis Regina, Wanderléa, Marília Pera, Marcos Valle, Antônio Marcos, Vanusa e Rosa Passos.

O nome completo, Arnoldo Medeiros da Fonseca, evoca a síntese de quem consegue a rara proeza de dar a entrada precisa para os acordes da razão ou emoção, conforme o momento assim o solicitar. Na Embrapa, imprime sua marca ao lidar com as inovações tecnológicas da Empresa. Em seu

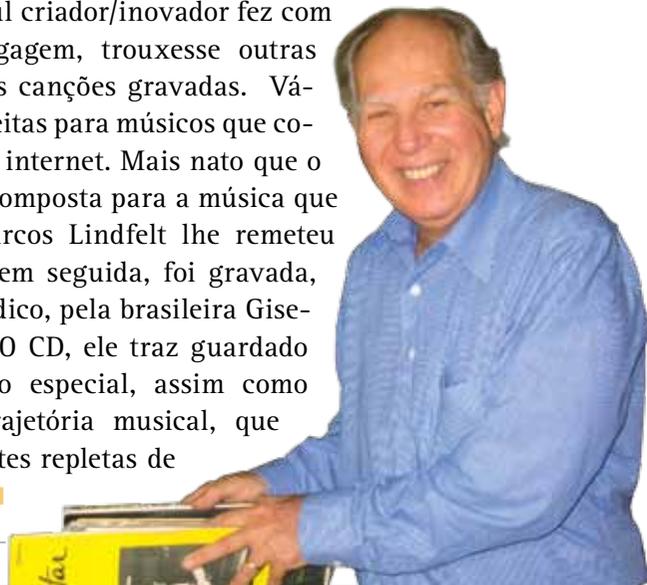
cantinho particular – o escritório de sua residência, onde concedeu esta entrevista ao som de suas composições – é a sensibilidade do artista que aflora.

Conciliar o pé no chão com as asas da imaginação é algo natural para nosso colega Arnoldo. O jovem advogado, quando fundou a Assessoria Jurídica (AJU) da Embrapa, em 1975, sequer tinha 30 anos completos. O artista, então já consagrado – que hoje figura em dois verbetes do Dicionário Houaiss de Música Popular Brasileira – trazia para a Empresa a experiência de quem trabalhou no escritório do mestre Sobral Pinto, desde o 1º ano da Faculdade de Direito.

Entre o Direito e a música, Arnoldo ganhava festivais e questões nos tribunais, nos idos daqueles anos. Era artista, advogado e secretário do grupo “Música Nossa”, como situa a contracapa do LP Arnoldo Medeiros – o Homem, o Poeta, onde interpreta, ele próprio, suas canções.

Nosso colega permanece nove anos à frente da AJU, quando, em 1984, é convidado a atuar, por dois anos, no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington. Lá, acabou ficando por 23 anos. Retorna à Embrapa, em setembro de 2007, para a recém-criada Assessoria de Inovação Tecnológica. Pouco antes de voltar, grava, em Nova York, com Dom Salvador – um de seus maiores parceiros – as músicas mais recentes que compuseram juntos.

Seu perfil criador/inovador fez com que, na bagagem, trouxesse outras tantas novas canções gravadas. Várias foram feitas para músicos que conheceu pela internet. Mais nato que o Donato foi composta para a música que o sueco Marcos Lindfelt lhe remeteu via Web e, em seguida, foi gravada, em solo nórdico, pela brasileira Giselle Martine. O CD, ele traz guardado com carinho especial, assim como toda sua trajetória musical, que ocupa estantes repletas de LPs e CDs. ■



Parada de sucessos

Quando terminava a Faculdade de Direito, em 1968, Arnoldo encontrou e se juntou aos colegas de Primário, Beth Carvalho, Arthur Verocai e Paulinho Tapajós, e de Ginásio, Victor Assis Brasil, que integravam o grupo “Música Nossa”, movimento que trazia a proposta de uma MPB mais elaborada, no qual também já estavam Claudette Soares, Roberto Menescal, Agostinho dos

Santos, Johnny Alf e Tito Madi.

Quem foi adulto, adolescente ou criança da época deve se lembrar de sucessos nacionais, como Namorada, Lourinha, Domingo Antigo. Nosso colega também marcou presença nas trilhas sonoras de novelas: em parceria com Fred Falcão, Bandeira 2, Nosso Caminho (Irmãos Coragem), Sex Appeal (Minha Doce Namorada) e Shirley Sexy (O Cafona).

Fotos: Mônica Silveira

